

Comentários ao texto “Tamborilando ideias” de Márcio Nunes de Carvalho

Teresa Lirio¹

Aceitei o convite do Márcio com prazer. Achei seu trabalho original, denso, com muitas ideias interessantes. Mostra-nos um analista vivo, presente no material clínico. Quando ele me convidou, disse de seu desejo que o trabalho estimulasse um debate entre os colegas. Tentarei contribuir para isso com minhas “viagens” e com minhas questões.

Trânsito e transformações

Transitar entre o século xx e o século xxi implica ser afetado por contextos culturais diferentes. O espaço/tempo em trânsito potencializa transformações. Voltamos diferentes das viagens, e nos transformamos também com os nossos relacionamentos. Márcio questiona como essas transformações repercutem no psiquismo e nos afetam como psicanalistas. Acho que esse espaço “entre” construído pelo trânsito ganha complexidade no conhecimento psicanalítico atual. Esse “entre” que se apresenta em todos os nossos conhecidos polos binários – analista/ analisando, vida/morte, eu/outro, dentro/fora, mente/corpo, consciente/inconsciente possui territorialidade própria, para além de fronteiras delimitadas. E cada vez mais o trânsito se dá entre diferentes possibilidades. Assim, nos afastamos de uma lógica binária, excludente, um ou outro (referencial fálico) e caminhamos a passos muito lentos, mas vislumbrando como possibilidade, um espaço de inclusão, diversidade e multiplicidades.

1 Membro associado da Sociedade de Psicanálise de Brasília (SPBSB).

A natureza desse espaço/tempo “entre” tem suas implicações na prática psicanalítica. Para isso nos alertaram os kleinianos, Ferenczi, Winnicott, o casal Baranger, Ogden e Bion, nos conceitos de transferência/contratransferência, identificações projetivas e introjetivas, modelo mãe-bebê, introjeção da função alfa, introjeção da função analítica.

O que importa é o que se passa entre os dois elementos da dupla.

Mas estamos assistindo a uma outra mudança, chamada por alguns psicanalistas de um novo paradigma na psicanálise, que seria esse espaço entre um e outro considerado como um espaço terceiro; o campo psicanalítico. Campo que ganha uma outra dimensão para além de fronteira, de território e de trânsito. Seria o espaço/tempo construído pela comunicação consciente e inconsciente na experiência emocional da dupla, capaz de propiciar transformações por meio da criação conjunta de um tecido filtro, capaz de criar e expandir sentidos, resignificando a experiência emocional. As transformações se dariam pelo encontro fértil da função alfa do analista com a função alfa do analisando. Ferro cita um psicanalista italiano, Corrao, que propôs a função gama: que seria a função alfa do campo (Ferro & Civitarese, 2015)

Nessa dinâmica de forças e influências recíprocas, podemos pensar a psicanálise além da sessão de análise. Algo permanece entre analista e analisando, sendo assim, estaríamos, nós psicanalistas, fazendo parte de vários campos ao mesmo tempo?

Isso me fez pensar, com base no caso clínico apresentado por Márcio, que as viagens de Ulisses de ida e volta a sua ilha, e o dia de muitas horas na vida do *Ulysses* de James Joyce, assemelham-se a um dia de consultório. Quantas experiências, batalhas, encontros, vísceras abertas, entranhas/estranhas, desencontros, mares turbulentos, cantos de sereias! Descentramentos a mobilizar em nós o desejo de voltar para casa, no final do dia. E voltamos com o que apreendemos, mas também, se traumatizados, com nossas defesas acirradas.

Lógica binária, diversidade, personalidades atuais

Acho que o trânsito entre diferentes, sem fixação em um dos polos, certamente tem influência nas características das personalidades atuais, entretanto, o acolhimento à diversidade que poderia resultar

disso ainda é uma conquista tênue, com muito chão pela frente. Quanto à questão levantada por Márcio, sobre as novidades nas personalidades atuais, acho que temos mudanças estruturantes e mudanças apenas na forma, resultando somente em diferentes configurações.

Mudam a natureza das siderações, os objetos de desejo, mas não se altera a tendência humana de buscar algo que seja a verdade e a promessa da felicidade. A busca do pleno, o horror à falta, à finitude, enfim, à castração, é o que nos estrutura. As defesas serão diferentes a depender da estruturação psíquica de cada um e dos dispositivos oferecidos pelo meio em que vivemos.

Assim, a forma que toma esse pleno objeto do desejo certamente terá configurações diferentes conforme a época. Também será diferente a forma como nos defenderemos das angústias, mas isso seria circunstancial. Entendi que a questão do Márcio se refere à existência de mudanças estruturantes as quais, em cadeia, promovem outras mudanças.

O narcisismo de morte, no sentido do desinvestimento, do desligamento, presente na precariedade de vínculos afetivos mais consistentes seria um fenômeno da atualidade?

Personalidade rebanho x permeabilidade cultural

Na relação entre personalidade rebanho e narcisismo, vale considerar além da religiosidade inata, a tendência para crer em vez de pensar, a argumentação apresentada por Márcio em seu trabalho. Ele aponta o fato de que nestes tempos atuais, haveria uma prevalência de transornos narcísicos, com tendência a relações duais; a buscar no outro o tudo, o pleno. Assim, haveria nesse quadro uma maior tendência para a idealização e para a adesão aos sistemas, sejam eles religiosos de fato ou tipo mente religiosa que se manifesta no campo político, no fundamentalismo, na adoração ao deus Google, nos modismos, no culto ao corpo, na dependência das redes sociais, nas torcidas de times de futebol.

Acho importante pensar a diferença entre algo da ordem de um sistema colonizador de mentes e algo como um dispositivo próprio de determinado contexto cultural, que a todos alcança. Nós nos constituímos como sujeitos com base na identificação com um outro, mas, ao mesmo tempo, também por nossa possibilidade de nos diferenciarmos.

G. Civitarese apresentou um texto preliminar ao Congresso de língua francesa de 2018² ressaltando que a capacidade da dupla mãe-bebê de estabelecer uma dialética fértil entre identidade e diferença é condição para que o processo de introjeção da função alfa possa se dar. Assim, voltando à diferenciação entre personalidade rebanho e permeabilidade cultural podemos dizer que na massificação só existiria a identificação, e que, em uma permeabilidade ao cultural e ao outro, poderia haver identificação e também diferenciação, resultando em enriquecimento pessoal.

Ser e conhecer

A questão da psicanálise atual pode ser pensada no material clínico apresentado. O objetivo da psicanálise seria contribuir para o paciente tornar-se “si mesmo”. A ênfase está no “ser”, mais do que no conhecer. Acho que é uma mudança estruturante e no concentrado psicanalítico, Márcio trouxe isso de forma muito viva.

Esse tornar-se “si mesmo”, justamente o contrário de alienar-se, integrar rebanhos e submeter-se a sistemas, implica diferenciação e construção subjetiva e vale para o analisando e para o analista. Conforme citação do autor:

Ouvir um analisando era antes de tudo me ouvir e sentir onde e como aquele encontro me tocava ao percorrer inesperados caminhos em meu interior acionando um sonhar com imagens em trânsito, potencialidade narrativa e possibilidade de evoluir para uma comunicação fora do contexto do diálogo manifesto.

Márcio quase não cita autores, mas percebemos que fazem parte de seu repertório psicanalítico: o conceito de transformações de Bion; a escuta regrediente tal como propõe o casal Botella em suas ideias sobre figurabilidade; o trabalho no campo do sonhar tão presente nas contribuições de Cassorla; e algumas ideias e propostas da Teoria Psicanalítica de Campo.

2 Argument du Rapport pour le CPLF 2018. Traduire l'Expérience – Le concept de transformation dans la psychanalyse bionienne et post. Gênova, Itália.

Outro trecho do trabalho:

Sobre a interpretação: em princípio, diria que ela corresponde ao longo do encontro analítico a toda conversa que desembocando em uma cadeia espontânea de ideias venha a inundar o campo relacional, abrindo caminho para novas associações, não sendo significativo de que lado da dupla parta o movimento ideativo.

No concentrado analítico Márcio traz um paciente que vivia em sua ilha e que se fragiliza quando falha sua armadura tecnológica computadorizada: sua ilha não lhe basta, busca a análise. Humano, precisando de outro ser humano.

Conversando, analista e analisando foram construindo um espaço/tempo e uma linguagem própria à dupla. Sentidos, imagens, modelos nascidos da experiência analítica possibilitam pensar e expandir a rede simbólica.

Na conversa imagens visuais e metafóricas abrem para teias ricas de significado: ilha, fortaleza/frágil, robôs, computadores ambulantes, a narrativa de Joyce sem pé nem cabeça, o impasse. Maria seria um parafuso? A sua sexta-feira? Raiva do Ulysses, inveja do Ulysses. Raiva do analista! Bebê voraz. Sentimento: afeto ou conexão? Polemizar? Pólen ou polêmica? Ou pulverizar?

Ele poderia imaginar uma outra forma de contato que não uma luta corpo a corpo? Saber de um outro corpo a corpo, que gera filhos? Sabe que precisa de dois para fazer um filho?

Imaginei que “Maria” designa a mãe e a mulher, e que ele pensa que não sobreviveria à sua falta. Resta-lhe então afastar-se, não fazer conexões com seu medo e com sua dor, recolhendo-se na sua ilha, com a ilusão de conseguir sobreviver em um mundo virtual.

Associei a dinâmica do paciente devorador de livros com a dinâmica autista quanto à impossibilidade de suportar a falta de continuidade com a mãe. No autismo, a defesa se dá em âmbito precoce, e a continuidade se transforma em contiguidade sensorial. Talvez nesse paciente, a continuidade com o outro se dê alucinatoriamente no âmbito da intelectualidade, do pensar, das ideias encadeadas, dos livros

encadeados; mais objetos autísticos do que objetos transicionais. Sabe-se que uma evolução do autismo toma o caminho de um quadro obsessivo. Controle, separação de afeto e pensamento, compulsão. “Louco comprador e devorador de livros.” Como ele se denomina.

A análise me pareceu uma volta para casa, no sentido de favorecer a conexão com seus sentimentos. A perplexidade tomava o lugar do medo, da dor, da raiva. O analisando no início do processo analítico estava distante de si, estranho a si mesmo.

No relato acompanhamos uma expansão da capacidade de pensar, pelas associações dos dois trazendo novos sentidos, e por viverem na relação analítica algo que para o paciente era impossível, a descontinuidade, que o livro de Joyce o fez viver. Acho que esse modo de trabalhar seria talvez o que Leopoldo Nosek, em palestra recente aqui na SPBSb, chamou de *performance*: o fato de Márcio se questionar, entrar na transgressão joyciana, de saírem de uma análise encaixadinha, e, no entanto, continuarem ligados em vínculo analítico fértil. Viveram perguntas sem respostas, ideias que ficavam no ar, desencontros que não significaram rupturas, sentidos que não abarcavam totalmente as experiências vividas.

Acho que o material clínico apresentado reflete uma mudança na maneira de fazer análise, em sintonia com transformações que estão acontecendo em outras áreas do conhecimento.

Referências

- Cassorla, R. Chapter 8. In M. Katz, R. Cassorla & G. Civitarese. (2016) *Advances in Contemporary Psychoanalytic Field Theory*. USA, Taylor&Francis, Routledge.
- Cassorla, R (2015). *O psicanalista, o teatro dos sonhos e a clínica do enactment*. São Paulo: Blucher.
- Ferro, A. & Civitarese, G. (2015). *The Analytic Field and its Transformations* (Chapter one). London: Karnac.

Teresa Lirio

teresalirio@gmail.com